

“Vimos do esporte e só para ele viveremos”: notas sobre uma revista ilustrada na
Salvador dos anos 1920

Henrique Sena dos SANTOS*

Resumo: Fundada em 1921, a revista *Semana Sportiva* cobria a vida esportiva da cidade, entrevistava atletas e dirigentes de clubes, além de publicar textos recomendando aos seus leitores a prática de esportes, indício de que as atividades atléticas e a estética corporal eram valorizadas num contexto em que circulavam discursos eugênicos. O artigo objetiva discutir de que maneira o periódico inseriu-se na nascente imprensa esportiva de Salvador e, com base em uma amostra do seu conteúdo, perceber em que medida o semanário contribuiu para fomentar o desenvolvimento de uma cultura esportiva na cidade. Espera-se, ainda, evidenciar como a configuração da revista guardava relações com o processo de segmentação temática da imprensa de Salvador, decorrência do aumento do público leitor e suas demandas.

Palavras-chave: Revista ilustrada. Imprensa. Cultura Esportiva. Salvador. Primeira República.

“We came from sport and live only for sport”: Notes on an illustrated magazine in
Salvador in the 1920s

Abstract: Founded in 1921, the magazine *Semana Sportiva* [Sporting Week] covered the sporting life of the city, interviewing athletes and club managers whilst publishing texts advocating the practice of sport to its readers. This promotion of sport is evidence that athletic activities and body aesthetics were highly valued in a setting where eugenic discourse was commonplace. This paper aims to explore the way in which the periodical became part of the growing sports press of Salvador, and by analyzing its contents, realize to what extent the weekly magazine contributed to the city's sporting culture. It is also hoped that this paper will demonstrate how the magazine's layout maintained the practice of thematic segmentation in the Salvador press, due to an increase in readership and their demands.

Keywords: Illustrated magazine. Press. Sport Culture. Salvador. First Brazilian Republic.

*Mestre em História - Doutorando - Programa de Pós-graduação em História - Faculdade de Ciências e Letras de Assis - Unesp - Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis - Av. Dom Antonio, 2100, CEP: 19806-900, Assis, São Paulo - Brasil. E-mail: henrisena@hotmail.com.

Introdução

Ainda que de modo heterogêneo e descontínuo, é possível observar, entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, um processo de modernização da imprensa nas principais capitais brasileiras (SODRÉ, 1999; MARTINS; DE LUCA, 2008). Paulatinamente, o estilo de produção artesanal, manual e não especializado foi sendo abandonado e os periódicos começaram a ser concebidos no interior de uma lógica empresarial, que envolvia a utilização de novas tecnologias de impressão, por meio do uso de máquinas modernas de rápido processamento que permitiam o aumento da tiragem, da quantidade e melhoria na qualidade dos periódicos. Acrescente-se, ainda, o processo de divisão do trabalho, via especialização das funções de editor, redator, repórter, revisor, entre outras, que antes eram desempenhadas por um mesmo indivíduo.

Com efeito, as transformações da imprensa foram significativamente potencializadas pela introdução, no país, de novas tecnologias, que ampliaram os sistemas de transporte e comunicação. A partir das últimas décadas do século XIX, assistiu-se, no Brasil, a chegada e/ou difusão do cabo submarino, do telégrafo, do telefone, do gramofone, do cinematógrafo, entre outras invenções que favoreceram a constituição de novas sensibilidades e sociabilidades que afetaram de forma direta a imprensa. Como têm destacado os estudiosos do tema, carros, trilhos dos bondes, estações de trem e a “fada da eletricidade”, para retomar uma expressão corrente na época, entraram no cotidiano das cidades, contribuindo para o encurtamento das distâncias bem como para a difusão e o acesso rápido às informações (SUSSEKIND, 1987; SEVCENKO, 1992; COSTA; SCHWARCZ, 2000).

Finalmente, a rápida incorporação das novas tecnologias possibilitou que a imprensa se tornasse não só um espaço privilegiado de intensos debates como também um dos principais meios de difusão de novos ideais, valores e concepções de mundo (MARTINS, 2001; DE LUCA, 1999, 2011; OLIVEIRA; VELLOSO; LINS, 2010). Nas páginas dos periódicos, compartilhava-se o desejo de vivenciar a nova cultura urbana, inspirada na modernidade europeia, além da intenção de se discutir questões relativas aos dilemas que cercavam a nação, temática presente desde a Independência, mas que passou a ser apreendida em outra chave interpretativa.

É nesse bojo que a imprensa tornou-se um lugar central de divulgação e difusão das práticas esportivas. Alguns estudos já afirmaram que, na transição dos séculos XIX e XX, o futebol, o remo, o críquete e o turfe entre outras atividades atléticas eram incorporadas ao cotidiano de várias cidades do país e fomentaram, como o cinema e a moda, o desenvolvimento de uma cultura urbana e novas formas de sociabilidade (JESUS, 1999; LUCENA, 2000; MELO, 2011). As atividades esportivas ofereceriam aos cidadãos uma interação com o espaço público por meio da assistência de partidas e regatas, que

proporcionavam encontros entre amigos e flertes. Sobretudo na década de 1920, os esportes estiveram envoltos pelo discurso eugênico, que os entendia enquanto fundamentais para o fortalecimento racial da nação (SEVCENKO, 1992; SEVCENKO, 1994).

Os jornais e revistas foram suportes fundamentais para a divulgação das práticas esportivas. O processo de modernização da imprensa, aliado ao crescimento urbano, ensejou o surgimento de colunas específicas para a temática; a publicação de fotografias de partidas, atletas e dirigentes, cujas opiniões eram registradas em entrevistas. Ao lado da divulgação de campeonatos, partidas, regatas e outros eventos do gênero, delineava-se a formação de uma cultura esportiva, estimulando a criação de clubes e ligas e difundindo o discurso de regeneração e fortalecimento racial via atividades atléticas. Tendo em vista tal cenário, a proposta deste texto é discutir a presença da revista ilustrada a *Semana Sportiva* que circulou na imprensa de Salvador nos anos 1920. Valendo-se da análise do seu formato e de parte do seu conteúdo, o interesse é apresentar as primeiras considerações sobre a leitura da revista buscando problematizar de que forma ela se inseriu na imprensa da cidade e na sua cultura esportiva.

O esporte e a imprensa em Salvador antes da *Semana Sportiva*

Em Salvador, entre o final do século XIX e as duas primeiras décadas da centúria seguinte, as práticas esportivas se desenvolveram de modo muito descontínuo. As modalidades mais comuns eram o críquete, o remo e, principalmente, o futebol. Esta última, pela sua simplicidade, desde as suas primeiras aparições regulares, em 1903, nunca deixou de ser praticada, embora nem sempre contasse com espaços adequados para a sua realização.¹ Até 1920, o futebol foi a única atividade que conseguiu se firmar na cidade, pois sempre contou com ligas e clubes das elites e populares que mantinham, mesmo de forma irregular, a existência de certames. O críquete e o remo enfrentavam muitas dificuldades para a sua consolidação. Enquanto o primeiro era muito restrito aos ingleses residentes em Salvador, com a presença de alguns baianos, sobretudo por meio do Club de Cricket Vitória (1899), o segundo até contou com alguns clubes e uma Liga, mas em virtude do alto custo de estruturação com a compra de equipamentos teve, entre 1905 e 1912, um curto período de realização de regatas, retornando de forma sistemática ao cotidiano esportivo da cidade apenas nos 1920.² Finalmente, existiam a natação e o tênis que raramente eram noticiados na imprensa, ocorrendo no interior de alguns poucos clubes esportivos locais.

Até meados de 1910 a descontinuidade do desenvolvimento de uma cultura esportiva em Salvador pode ser observada na sua relação com a imprensa. Quando do surgimento das primeiras ligas de futebol e remo, entre os anos 1904-8, não existia uma cobertura regular, tampouco específica das atividades do gênero pelos jornais.³ Apareciam

através das colunas sociais, juntamente com notícias de casamentos, soirées e outros eventos. Nos principais jornais da cidade, nos primeiros anos da década de 1910, são raras as informações sobre as práticas esportivas, o que não quer dizer que elas inexistissem.⁴

A presença do esporte na cidade e a sua cobertura na imprensa parecem mudar substancialmente a partir da segunda metade dos anos 1910, acompanhando o desenvolvimento da cultura urbana de Salvador. Entre 1912 e 1916, J. J. Seabra assumiu o governo do Estado e empreendeu uma série de reformas estruturais na capital (LEITE, 1996) As intervenções promovidas pelo governador, além de apresentar uma nova espacialidade urbana, contribuíram com uma nova dinâmica nas relações sociais e no cotidiano dos soteropolitanos. A construção da Avenida Sete e a reforma da Rua Chile foram duas das principais obras da gestão de J. J. Seabra. Estes logradouros tinham as suas configurações inspiradas na construção da Avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro, em 1904, e se tornaram, nas décadas de 1910 e 1920, nos principais pontos de encontro das elites da cidade, com seus cafés, soverterias, bares e outras lojas, atraindo homens e mulheres que viam nestes espaços um local para flertes, *footing* e outras formas de lazer (LEITE, 1996; OLIVEIRA, 2008).

A imprensa da cidade parece ter acompanhado as mudanças urbanas ao também experimentar um processo de modernização. Em 1912, por exemplo, Ernesto Simões Filho fundou o jornal *A Tarde*, um vespertino que inovou ao apresentar uma diagramação diferenciada, introdução de fotografias, recurso até então pouco utilizado nos jornais da capital baiana. O jornal também desenvolveu logotipos específicos para as suas colunas, além de apresentar subtítulos para as matérias, facilitando a identificação e leitura das notícias (SANTOS, J., 1985).

Já, em 1916, surgiu a revista ilustrada e de variedades *A Renascença*, fundada por Diomedes Gramacho e José Dias da Costa, personagens ligadas à fotografia e ao cinema, atividades que traziam as marcas da modernidade. Eles aprenderam o ofício com Rodolfo Lindemann, alemão radicado em Salvador e que foi um dos principais fotógrafos da cidade, a quem fizeram questão de homenagear ao intitular a empresa que fundaram *de Photographia Lindemann*, destacada em seu gênero e que deu origem à revista. As edições d'*A Renascença* traziam, em média, de quarenta a cinquenta páginas e eram mensais. Ao longo dos anos passou a ter seções fixas sobre esportes e moda, ao lado de outras menos duradouras, dedicadas a assuntos diversos.

Estes periódicos comentaram de maneira entusiástica as transformações urbanas em curso e valeram-se de muitas fotografias que alardeavam o progresso de Salvador e estimulavam os leitores a se apropriarem dos espaços públicos reformados, bem como ter novos hábitos culturais. Em suas páginas é possível encontrar anúncios informando a chegada de produtos importados, colunas noticiando a realização de grandes festas em

clubes sociais, casamentos e batizados de personalidades públicas, bem como seções que sugeriam novos modelos de comportamento relacionados à forma de se vestir, pentear o cabelo, frequentar cinemas e praças esportivas ou mesmo flertar.

Os esportes não ficaram ao largo deste processo. Em alguns anos – como 1914, 1916 e 1917 – verifica-se o surgimento de vários clubes de diversas camadas sociais, além de alguns certames (MAIA, 1944). Significativo, neste período, foi a fundação da Associação Athletica (1915) e do Bahiano de Tênis (1916), duas agremiações esportivas abastadas que se tornaram as maiores da cidade na década de 1920 (SANTOS, H., 2011). Assim como as ruas e avenidas reformadas, estes clubes eram os principais espaços de convergência das elites soteropolitanas, oportunizando em suas sedes a prática das atividades atléticas, bailes, carnavais, soirées, réveillons, entre outras sociabilidades. Enfim, estas agremiações para as famílias das elites ofereciam um convívio social fora de casa, seduzindo-as. Investigando a experiência do Rio de Janeiro, é possível concordar com Rosa Araújo (1993, p. 339), quando assinala que “o lazer em comum era entendido como uma extensão natural da vida doméstica e não uma atividade supérflua, fazendo parte integrante do cotidiano familiar.”

Em 1920, especialmente o futebol vivenciou um crescimento significativo com a fundação da Liga Bahiana de Desportos Terrestres (LBDT), que organizava os principais campeonatos de futebol da cidade contando com clubes oriundos de diversas camadas sociais que existiam desde o início do século. O principal certame da entidade, em alguns anos, chegou a contar com mais de dez grêmios, intensificando a presença do jogo na capital baiana de modo inédito em virtude da realização de partidas aos domingos, praticamente durante todo o ano. (SANTOS, H., 2012)

A absoluta maioria dos jogos da LBDT ocorria no Campo Graça, construído em bairro homônimo, em 1920, e considerado o primeiro estádio moderno da Bahia, contando com arquibancadas, camarotes, vestiários, área de circulação e estacionamento para automóveis.⁵ Assim como os clubes, o surgimento da praça esportiva encontra-se no mesmo contexto de crescimento urbano que, em alguma medida, influenciou a própria construção do estádio. Bem como as novas ruas e avenidas, resultado das reformas urbanas de J. J. Seabra, o estádio era uma construção pensada para ser um marco, uma referência na cidade que estimulasse as pessoas a interagir com a urbe. A sua localização, no centro de Salvador, buscava favorecer o encontro regular de pessoas, constantemente tornando o espaço público um lugar, não só de trânsito, mas, sobretudo, de convergência.

A imprensa também captou o desenvolvimento dos esportes ao oferecer gradativamente mais espaço para a temática em suas páginas. Sintomático neste contexto foi o fato do periódico *A Tarde* publicar, desde as suas edições iniciais, notícias sobre o futebol, acompanhadas de imagens na sua primeira página. Além disso, *A Renascença*

dispôs de uma coluna própria para a temática, divulgando e trazendo o resumo dos principais eventos esportivos da cidade. Finalmente, em 1919, o *Diário de Notícias* foi o primeiro jornal a inaugurar uma seção esportiva, desvinculando as notícias sobre o futebol, remo e outras atividades das colunas sociais. Enfim, é a partir deste contexto de inter-relação entre o desenvolvimento de uma nova cultura urbana, em paralelo à modernização da imprensa e à consolidação das práticas esportivas que é possível compreender a emergência da *Semana Sportiva*.

A Semana em revista

Apesar da gradativa consolidação de uma cultura esportiva na cidade e do aumento da atenção dos jornais e revistas para com aquela, a cobertura ainda não era tão detalhada ou específica. Mesmo com a iniciativa do *Diário de Notícias*, que foi seguida por outros periódicos, os esportes eram apreendidos mais como um grande evento social que possibilitava a reunião de amigos e famílias. As seções das principais revistas ilustradas locais, como *A Renascença*, preocupavam-se mais em estampar fotografias dos encontros esportivos, acompanhados de poucos textos que descreviam a beleza das torcedoras e seus vestidos e, no máximo, apresentavam alguns dados sobre os jogos. Já os jornais cobriam os certames de forma um pouco mais detalhada, embora o maior interesse fosse deixar o leitor a par dos resultados das partidas e da classificação dos clubes naqueles.

A *Semana Sportiva* parece surgir justamente para suprir uma lacuna na imprensa soteropolitana ao ser o primeiro periódico exclusivamente dedicado aos esportes, apreendendo-o não apenas como um evento social, mas, principalmente, enquanto universo autônomo, dotado de lógica e temporalidade próprias, como um calendário de eventos, instituições e personalidades. Embora o futebol, o remo e outras atividades atléticas tivessem uma relação com as esferas políticas, cívicas e religiosas, não dependiam destas para o seu funcionamento e efetivação. Segundo Georges Vigarello (2001, p, 245), “pela primeira vez, um lazer profano impõe um programa e uma temporalidade autônoma.” Consequentemente a originalidade do esporte exigia um espaço exclusivo para difusão, discussão e debates dos acontecimentos e fatos deste universo.

Neste bojo, é possível compreender, por exemplo, a publicação de uma nota no *Diário de Notícias*, em 9 de abril de 1921, informando a fundação da Associação Baiana de Cronistas Desportivos (ABCD), inspirada em sociedade congênere do Rio de Janeiro. De acordo com os estatutos, seu principal fim era “tanto quanto possível, de acordo com as entidades e sociedades esportivas, sem distinção, promover o desenvolvimento de prática do esporte como uma necessidade social.”⁶ O surgimento da entidade pode ser interpretado como indício de que alguns redatores, jornalistas e editores da cidade sentiram a

necessidade de criar um segmento específico na imprensa local, que cobrisse um mundo que demandava uma atenção singular.

A *Semana Sportiva* foi idealizada pelos editores Celestino Britto e Mário Oliveira.⁷ No editorial do seu primeiro número, lançado na mesma data da fundação da ABCD, são evidentes as intenções do empreendimento e o contexto da sua emergência. Para os fundadores, o semanário:

[...] vem preencher uma lacuna sensível no nosso meio esportivo; muitas tentativas tem-se feito neste sentido, vários grupos tem-se disposto a esse *desideratum*, porém a vida dos órgãos aparecidos têm sido efêmera, tem a duração da rosa de “Malherbe.”

As várias fases por que tem passado o esporte aqui, grandemente tem contribuído para que não tenhamos um órgão genuinamente esportivo, não obstante a vontade firme dos entusiastas dos esportes, graças aos quais tem ressurgido depois de certos períodos de letargia.

O ground da Graça veio dar impulsos a este ressurgimento e nós para que mais se avive o esporte, para que chegue ao conhecimento de todos, aqui estamos, para a notícia minuciosa da vida esportiva [...].

[...] Vimos do esporte e só para ele viveremos, animando o que existe e amparando o que surgir, porque cremos que o esporte não é somente um divertimento, que além do desenvolvimento físico muito contribui para a moral [...]. (SEMANA SPORTIVA, n. 1, 1921, p. 3).

De forma evidente, o texto não deixou de ratificar a ideia de que os esportes, mais do que um lazer desprezioso, era um fenômeno sério, de grande importância para o desenvolvimento físico e moral da sociedade e por isso deveria ser abordado de uma forma privilegiada, haja vista a criação da própria ABCD. Assim, logo no seu primeiro número, os editores deixavam claro qual era o lugar, papel e valor do semanário na imprensa local, diferenciando-se dos outros periódicos e justificando a existência daquele empreendimento.

O editorial também lembrou que as tentativas de criar um periódico exclusivamente esportivo foram infrutíferas justamente pela dificuldade das atividades esportivas desenvolverem-se de forma contínua na cidade. Os editores citaram a construção do Campo da Graça como um divisor de águas na cultura esportiva de Salvador que, de algum modo, também contribuiu para o surgimento da própria revista. Além de abrigar os jogos da LBDT, o estádio comportava diversas cerimônias esportivas, como olimpíadas locais, paradas e desfiles. Enfim, em praticamente todos os finais de semana existia algum evento no Campo da Graça, o que intensificava a presença do esporte no cotidiano soteropolitano estimulando o seu desenvolvimento em outros espaços da urbe.

Além disso, o estádio contribuiu substancialmente para o processo de constituição de um campo esportivo e, principalmente, um mercado específico em que timidamente se desenvolvia desde os anos 1900 (SANTOS, H., 2012).⁸ Na década de 1920, a quantidade de eventos realizados no Campo da Graça, que comportava um público considerável,

permitia arrecadar rendas inimagináveis para a realidade de Salvador até então. Em seu relatório, a Desportiva Bahiana S.A, responsável pela construção do estádio, informava a receita líquida de 15:627\$000 angariada dos ingressos de apenas 12 jogos do certame da LBDT em menos de um mês, entre 15 de novembro e 31 de dezembro de 1920 (SEMANA SPORTIVA, nº 35, 1921).

Levando-se em conta que, em 1921, o campeonato da LBDT teve mais de 60 jogos, é possível presumir que mais de 100:000\$000 poderiam ser arrecadados de ingresso, isso sem levar em consideração as partidas que, envolvendo clubes de maior popularidade, levavam um grande público ao estádio. Nesta conta nem estão inclusos os produtos e serviços derivados do esporte como, cigarros, bebidas, restaurantes, lojas de variedades que se associavam aos eventos. Enfim, diante do potencial financeiro que o esporte adquiria, a *Semana Sportiva* era uma iniciativa que poderia expressar um desejo dos seus editores em participar deste vantajoso negócio.

Dos 175 números publicados, entre 1921 e 1924, foram localizados 150, e ainda não foi possível identificar se a *Semana Sportiva* deixou de circular naquele último ano. Como ainda não foram lidas sistematicamente todas as edições do semanário, não é possível fazer conclusões mais abrangentes, de modo que este artigo apresenta algumas das primeiras impressões da leitura do conteúdo e do formato da revista, sobretudo baseada na análise das edições do primeiro ano e de números dos anos subsequentes.

Quando a *Semana Sportiva* foi fundada, além d'A *Renascença*, existiam outras revistas na cidade que apresentavam configurações e conteúdos diversos e distintos. É possível datar a presença delas na capital baiana desde o final do século XIX, em sintonia com o que se passava em outras partes do país. Assim, no campo científico, cultural e literário, pode-se citar a *Gazeta Médica da Bahia* (1866), *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, em circulação desde 1894, e a *Revista do Grêmio Literário da Bahia* (1901/1903), destinadas a um público mais restrito e intelectualizado e que abordavam discussões sobre temas relacionados à medicina, ciências, literatura, história e identidade baianas. Entre as revistas mundanas com um conteúdo mais ligado à moda, lazer e comportamento, existiam a *Revista do Brasil* (1906/1912), *O Petiz* (1907/1918), *Revista Cívica* (1908) e a *Paladina do Lar* (1919/1917) que, como bem indicam os títulos, visavam públicos diversificados, inclusive mulheres.⁹

A partir de meados da década de 1910, as revistas ilustradas, principal produto do mundo dos impressos nesse momento, apresentaram consideráveis inovações gráficas, iconográficas, de diagramação e tiragem, por certo articuladas às demandas de uma sociedade que se pluralizava e urbanizava. É neste momento que surgem *A Cegonha* (1917), a *Bahia Ilustrada* (1918) e a *Artes & Artistas* (1920).¹⁰ Com objetivos diferentes,

apresentavam uma quantidade significativa de imagens que retratavam a situação política e cultural da Bahia.

Assim como a *Semana Sportiva*, a existência de diversos semanários e mensários só pode ser compreendida no próprio contexto de modernização da imprensa e do processo de segmentação e diversificação dos periódicos, em decorrência do aumento do público leitor. Este exigia cada vez mais jornais, revistas e associações da imprensa específicas, responsáveis por discutir de forma mais minuciosa e detalhada fatos e assuntos sobre o mundo, feminino, esportivo, político, cinematográfico, religioso, entre outros (COHEN, 2008).

A presença de periódicos específicos não torna fácil a tarefa de caracterizá-los. No que tange à *Semana Sportiva*, há indícios de que, embora o periódico visasse a um público leitor próprio e veiculasse um conteúdo singular, também se dedicava a assuntos mundanos, como cinema e comportamento, presentes em outras revistas. Afinal, os eventos esportivos não se resumiam unicamente à sua prática. O Campo da Graça constituía-se em espaço de convivência social, no qual as pessoas interagiam e se exibiam. Os responsáveis pela *Semana Sportiva* concebiam o seu conteúdo na interface entre o esporte e o universo mundano.¹¹ Assim, não parece correto estabelecer uma definição rígida no que tange à caracterização da revista. Se, por um lado, ela inaugurava um nicho das publicações especificamente esportivas, não deixava de tocar em temas presentes nas revistas de variedades, a exemplo d'*A Renascença*, revelando, portanto, uma estratégia editorial que desejava atrair não só os leitores que praticavam algum esporte, mas aqueles que viam o futebol ou o remo como uma mera distração e/ou modismo.

Talvez seja possível caracterizar a publicação enquanto uma revista esportiva, mas com conteúdo próximo do presente nas revistas de variedades. É provável que o empreendimento tenha sido o primeiro no âmbito do processo de constituição de uma imprensa esportiva na cidade, em sintonia com a dinâmica presente em outros lugares do país e do mundo. Na Europa, por exemplo, desde o século XIX, é possível encontrar periódicos esportivos. Na Inglaterra existiam os *Sporting Life* (1859), *The Sportsman* (1865) e *The Sporting Times* (1865). A França e a Espanha contavam, respectivamente, com os periódicos *Le Sport* (1854) e o *El Cazador* (1856), ao passo que Portugal apenas em 1898 teve um jornal esportivo, *O Velocipedista*.

No final do século XIX, algumas cidades brasileiras assistiram ao surgimento de vários periódicos do gênero. Ana Luiza Martins (2001) localizou algumas revistas em São Paulo, com destaque para *A Bicicleta* (1896), *O Sportsman* (1902), *A Vida Sportiva* (1903), *O Sport* (1905), *O Jockey* (1915), *Sports* (1919), entre outras. No Rio de Janeiro, André Couto (2011) identificou uma quantidade considerável de periódicos em circulação de 1890 a 1910, entre os quais se destaca *O Turf* (1889), *O Remo* (1900), *O Cyclismo* (1900) e *O Brazil Sport* (1907). Enfim, embora pioneira na Bahia, a *Semana Sportiva* era apenas mais

um periódico dentro do processo de formação de uma imprensa esportiva no mundo, desde a segunda metade do século XIX. De toda sorte, a iniciativa de Celestino Britto e Mário Oliveira revela como a imprensa baiana não se encontrava isolada dos processos e dinâmicas no universo dos impressos que ocorriam em outros lugares.

Entre os colaboradores regulares da revista estavam: Amado Coutinho, Geraldo Callado, Pedro Bispo e Benjamim Bompert. Já Altamirando Requião, Assis Curvelo, Piagrino Neto, Clemente Mariani e Aloísio de Carvalho Filho publicavam esporadicamente. Estes eram homens de imprensa, que atuavam em vários impressos periódicos, assumindo funções diversificadas. Clemente Mariani e Aloísio de Carvalho Filho eram, respectivamente, redator chefe e redator do *Diário da Bahia*, ao passo que Bompert e Requião faziam parte da redação do *Diário de Notícias*. A presença de colaboradores de outros periódicos na *Semana Sportiva* aponta para a existência de uma rede de sociabilidades, da qual o semanário fazia parte.

Como o título sugere, a revista tinha uma periodicidade semanal e contava com 20 páginas por edição. Ao longo dos anos, foram publicadas algumas edições especiais que ultrapassaram as 60 páginas. Destaque para o número 117, lançado no dia 21 de julho de 1923, dedicado ao centenário de Independência da Bahia e o número 159, que saiu em 02 de julho de 1924 e que homenageava o Club Bahiano de Tênis, retratando sua história e feitos no universo esportivo de Salvador.

No que tange à sua estruturação, ao menos nos dois primeiros anos, a revista, com poucas variações, apresentou a seguinte configuração: contava uma capa colorida quase sempre estampando uma imagem de uma partida ou regata, fotografia de atletas e torcedores. O título era disposto acima da imagem, algumas vezes em letras garrafais ou de forma desenhada. Das 20 páginas que compunham a maioria dos números, três eram destinadas a propaganda: sempre a segunda, terceira e quarta capas, situação que gradativamente alterou-se e as edições passaram a contar com propagandas também no seu interior. Nos exemplares pesquisados, anúncios de carros da marca Dodge e cigarros da empresa Leite & Alves eram os mais numerosos. Não é estranho encontrar nas páginas da *Semana Sportiva* propagandas destes dois produtos que, nas décadas iniciais do século XX, traziam a marca da cultura moderna: os anúncios de veículos passavam a ideia de força, potência e velocidade, ao passo que alguns estudos indicam como o ato de fumar era valorizado como prática de homens saudáveis e elegantes, a exemplo do próprio esporte (SANTOS, E., 2000).

Ainda não se dispõe de informações suficientes para saber se as propagandas eram a principal fonte de renda do semanário. Entretanto, em comparação com outras revistas da época, nota-se que a *Semana Sportiva* destinava espaço reduzido para a publicidade, especialmente se comparada *A Renascença*, que tinha em média 12 páginas, o que lhe

assegurava renda maior. Talvez isso indique que a *Semana Sportiva* fosse mais dependente das vendas. Uma leitura de caráter panorâmico indicou que o preço avulso e o da assinatura do semanário não sofreram alterações de monta. Em 1921, um número vendido na capital e no interior do Estado custava, respectivamente \$200 e \$300. Já a assinatura anual ficava em torno de 2\$000 para capital e 3\$000 para o interior. Nos anos seguintes, uma edição para a capital custava \$300. Estes valores estavam abaixo do preço d'*A Renascença*, cujo número avulso, em 1921, custava \$500 para capital e \$600 para o interior. Já as assinaturas anuais estavam fixadas em 5\$000 para Salvador e 7\$000 para o interior. Vale destacar que o semanário tinha diversos pontos de venda em Salvador e em outras cidades, o que facilitava a sua difusão e circulação. Em várias edições, é possível encontrar os lugares de venda na capital, situados em espaços estratégicos, como o Elevador Lacerda e o Plano Inclinado Gonçalves, pontos de passagem entre a cidade baixa e a cidade alta, portanto, de grande circulação de pessoas.¹²

Esses dados indicam que o resultado das vendas deveria ser importante para a manutenção da publicação. Corrobora tal hipótese o fato de se tratar do único periódico esportivo da cidade, o que lhe livrava da concorrência direta pelo favor dos leitores. As outras revistas contemporâneas do semanário apenas dedicavam uma seção para a temática, com abordagem restrita aos acontecimentos esportivos locais. Além disso, a revista saía aos domingos, dia dos jogos de quase todos os campeonatos de futebol da cidade, o que poderia ser visto como um incentivo para o consumo, uma vez que permitia ao leitor ficar a par da rodada que se desenrolaria no decorrer do dia.

Outra hipótese, mas que até o momento não pôde ser comprovada, é a de que a revista fosse um empreendimento de alguma gráfica ou tipografia, a exemplo do que ocorria com *Artes & Artistas* e *A Renascença* que pertenciam, respectivamente, às empresas de serviços fotográficos *Fonseca & Filhos* e *Photografia Lindeman*. Em seus estudos sobre as revistas de São Paulo, Ana Luiza Martins (2001) demonstrou que muitos periódicos eram um subproduto de alguma empresa, o que contribuía para a sobrevivência desses impressos, que não dependiam tanto da publicidade e das vendas.

Além dos anúncios, a revista possuía editorial sempre publicado na terceira página, tratando-se de um texto geralmente expressando a opinião dos editores do semanário sobre um fato do campeonato, a situação do esporte na cidade, a visita de alguma embaixada esportiva, entre outros assuntos. Vale destacar que, algumas vezes, o editorial era assinado por Amado Coutinho, o que indica a sua importância no corpo editorial do periódico.

No seu interior, o semanário apresentava um rol bastante diverso de matérias, reportagens, entrevistas, artigos, crônicas e, principalmente, notas locais, regionais, nacionais e internacionais sobre práticas esportivas, resultados de jogos, entre outros fatos. Seguramente, o que marca o conteúdo da publicação é o seu caráter noticioso que pode ser

confirmado no seu subtítulo: “humorística, sportiva e noticiosa.” Ressalte-se que o tamanho das notícias, o seu formato e disposição na revista ocorriam de forma aleatória, ao longo das páginas e ao sabor da conjuntura esportiva local, nacional e internacional. Note-se, ainda, que os leitores costumavam escrever e solicitar notícias esportivas de outras localidades, como atesta a nota intitulada “Correspondência”, na qual os editores se queixavam de correspondências não assinadas:

Os que nos mandam cartas, pedimos o obsequio de as assinarem.
Que custa isto fazer?

[...] Aqui não se abriga mal querença, vimos para os esportes e por consequência para o prazer, para a alegria e portanto... E mesmo nas cartas que aludimos inserem coisas tão singelas, tão simples, umas lembrando os jogos de S. Paulo, outras de pontos mais ou menos semelhantes, nem se quer, ao menos, se refere a indivíduos ou agremiações daqui e porque não assinam?

Por exemplo, o que nos pede para dar o resultado de S. Paulo, temos a responder que no domingo foi que principiou o campeonato. (SEMANA SPORTIVA, n. 5, 1921, p. 16).

Parece razoável supor que notícias de outras localidades respondiam às solicitações de leitores, que desejavam estar ao corrente de acontecimentos esportivos além das fronteiras baianas. Não custa lembrar que existiam em Salvador muitos ingleses, bem com alguns franceses e alemães, como atestam alguns estudos (BARRETO & ARAS, 2003). Ademais, a cidade contava com a Faculdade de Medicina, que recebia muitos estudantes de outros estados. Enfim, pessoas oriundas de outras regiões eram potenciais leitoras da *Semana Sportiva* que, por sua vez, atendia suas expectativas com a publicação de notícias esportivas de outras cidades e países, o que a diferenciava de outras revistas com conteúdo esportivo apenas local. Vale lembrar que a existência de notas, matérias e reportagens que extrapolavam as fronteiras locais é um indício da capacidade dos editores da publicação de se articularem com a imprensa internacional em vista do acesso facilitado de novas informações esportivas de outras cidades do Brasil e do mundo. Por fim, muitas notícias publicadas no semanário expressavam um desejo dos seus responsáveis em demonstrar como Salvador se encontrava em uma realidade esportiva não muito distante de outras localidades, contribuindo para a integração da capital baiana em uma cultura moderna de abrangência mundial.

Embora a revista tivesse uma atenção especial ao conteúdo de caráter noticioso, é possível encontrar em suas páginas algumas seções, apesar destas nem sempre terem presença constante ou surgissem para contemplar alguma questão do momento. Nos primeiros anos, localizam-se as intituladas “Perfis Femininos”, “Confidências”, “Perfis Sportivos”, “O Campeonato da Cidade”, “Dizem que”, “Coisas que Implicam” e “Foot-ball Association – Problemas, Notas e Comentários”.

A duas primeiras seções envolviam o público feminino. “Confidências” tratava-se de um questionário no qual uma leitora, cujo nome era ocultado pelas suas iniciais, respondia a perguntas simples, do tipo: qual o jogador favorito, o que mais gosta e detestava no futebol, para qual time torcia. Já a “Perfis femininos” era mais detalhada, composta de um texto em que o colunista discorria algumas características físicas e sociais de mulheres soteropolitanas e estrangeiras, torcedoras das arquibancadas do Campo da Graça, com a intenção de que os leitores reconhecessem quem era a retratada. Além das dicas, o colunista sempre intitulava o seu texto com as iniciais da referida senhorinha.

Ambas as seções apontam que os editores da *Semana Sportiva* preocupavam-se com o público feminino, potencial leitor da revista e que não era nada desprezível. Os números de outros anos do semanário costumavam publicar fotografias de mulheres esportistas, além de estampar imagens de torcedoras. O interesse pelas leitoras ganhou força em uma das últimas edições de 1921, quando o semanário publicou nota informando que os seus próximos números trariam capas com fotografias de torcedoras dos principais clubes da cidade:

Uma notícia que vai, decerto, trazer ansiosas leitoras da “Semana” é a da resolução que vimos de tomar, a fim de satisfazer, também, aos imensos pedidos que nos têm tido feito.

Do próximo número em diante, iniciaremos a publicação, na capa da “Semana”, dos retratos das gentis torcedoras dos nossos aplaudidos clubs, para o que já temos em mãos alguns deles que devido a obsequiosidade e gentileza e confiança a que somos todos gratíssimos, sem grande custo, conseguimos.

[...] Aguardem, pois, os admiradores da “Semana” as suas próximas edições, exornadas com as delicadas silhuetas de senhorinhas da nossa distinta sociedade, que vêm assim dar grande brilho com esta colaboração dos mais notáveis ao nosso semanário (SEMANA SPORTIVA, n. 39, 1921, não paginado)

O interesse dos editores pelo público feminino tem relação com o próprio contexto de início de século XX no qual, gradativamente, as mulheres da elite adentraram o espaço público (BARREIROS, 1997; TRINDADE, 1996). Os esportes contribuíram para a intensificação da presença feminina nas ruas, praças, estádios e outros ambientes da cidade, ainda que de modo muito controlado e restrito. Estudos, como o de Victor Melo (2007), demonstraram como uma cultura esportiva possibilitou a experimentação de novas formas de ser e estar na sociedade e o consumo de novos serviços e produtos por parte das mulheres, além de integrarem-nas em uma atmosfera de valorização da nova estética corporal (SPCHUN, 1997). Ao que parece, os editores da *Semana Sportiva* ao perceberem a gradativa inserção feminina no espaço urbano e esportivo, buscaram contemplá-las com a produção de um conteúdo específico muitas vezes reivindicado por um determinado grupo

de mulheres, o que também proporcionava algum lucro comercial.¹³ Ao longo dos anos, os responsáveis pelo semanário passaram a publicar material textual e iconográfico de mulheres que não só assistiam aos eventos esportivos como também praticavam algumas atividades como o tênis e a natação. Enfim, esta era uma política editorial que, significativamente, diferenciava a *Semana Sportiva* dos outros periódicos ilustrados que tinham uma visão muito masculinizada do mundo esportivo, no qual as mulheres, muitas vezes, assumiam um papel coadjuvante de meras expectadoras.

A seção “Perfil Sportivo”, como indica o nome, trazia pequena biografia de jogadores do principal campeonato da cidade: apelido, tipo físico, clube e posição em que jogava. A marca da seção era a descontração, com ironias em relação ao peso e ao apelido dos atletas. A abordagem favorecia um maior conhecimento dos atletas por parte dos leitores.

O “Campeonato da Cidade” era a principal seção da revista, presente em praticamente todos os números analisados. Quase sempre aparecia na quinta página, chegando a ocupar as duas próximas em algumas edições. Tratava de aspectos da última rodada do maior campeonato da LBDT, com a escalação dos times, número de gols marcados, principais jogadas, enfim, a ficha técnica dos jogos. Além disso, a seção antecipava as principais informações sobre a rodada seguinte, com palpites sobre os próximos jogos, destaques das equipes, bem como os seus pontos fortes e fracos. Era, pois, uma espécie de guia detalhado, que buscava deixar o leitor atento ao desenrolar do campeonato. Ressalte-se que este não era o único espaço no qual eram publicados dados sobre as rodadas. Os editores traziam fotografias, entrevistas e opiniões de esportistas sobre os jogos do certame contribuindo para que a rubrica fosse enriquecida com outras informações. Tal dinâmica parecia ser uma estratégia que, além de aumentar o conteúdo da revista, obrigava o leitor a folheá-la quase que completamente à procura de informações sobre o seu time e a situação do mesmo na competição.

As seções “Dizem que” e “Humorismo da Semana” guardavam forte relação com o projeto inicial da revista e constituíam-se numa série de pequenas frases, anedotas, “causos” e chistes marcados pelo humor, a oralidade e tom informal, ocupando metade ou um terço de uma página. Em uma anedota na “Humorismo da Semana” nota-se um diálogo no qual um interlocutor pergunta ao goleiro Baby, da seleção baiana de futebol, como ele conseguiu “engolir” três gols do time do América, do Rio de Janeiro. Ele responde que “estava pensando em ‘manteiga’ quando a bola veio e escorreguei...” (SEMANA SPORTIVA, n. 26, 1921, não paginado). Neste caso, o pano de fundo da história foi o jogo entre um combinado baiano e o América, em 1921. Este último foi convidado pela LBDT para uma série de amistosos em Salvador, numa tentativa de demonstrar a força esportiva da Bahia, em uma operação de fortalecimento de uma identidade regional. Algumas vezes, certas matérias da revista criticavam a LBDT por não ter organizado um time bem treinado para

enfrentar os cariocas. Conseqüentemente, o combinado baiano foi derrotado. Logo, a anedota é uma sátira em tom crítico ao goleiro Baby que sofreu alguns gols do atacante do América, cujo apelido era Manteiga, o que explica o uso do trocadilho.

Vale destacar que não necessariamente o conteúdo destas seções era verídico, sendo provável que boa parte dele fosse representações, de forma bem humorada, dos acontecimentos que estavam na ordem do dia. É possível encontrar notas, anedotas e diálogos não só nestas seções, mas, sobretudo, em várias páginas da revista, de forma aleatória, e em todas as edições analisadas até o momento. O estágio inicial da leitura sistemática não permite afirmar com segurança se esta forma de dispor o conteúdo se constituía enquanto um elemento inovador/moderno na configuração da *Semana Sportiva* ou se era um recurso utilizado para preencher o periódico diante da sua incipiência. Em algumas anedotas e diálogos publicados fora das seções, fica a impressão de que a revista parecia usá-los como um modo de facilitar a sua diagramação. Talvez sobrasse muito espaço após a colocação das matérias, reportagens e notícias principais que poderia ser preenchido com alguma frase, chiste ou “causo”. Por outro lado, esta forma de dispor o conteúdo por meio de uma narrativa oral e informal poderia ser uma estratégia que atrairia um público nem sempre alfabetizado, mas que possivelmente teria contato com a revista por intermédio de leituras coletivas, um fenômeno comum no início do século no país, diante do alto índice de analfabetismo como bem salientou Heloísa Faria Cruz (2000).

A seção “Coisas que Implicam”, como sugere o nome, trazia uma série de frases em que ficava implícita uma crítica a uma postura de um jogador, torcida ou mesmo a arbitragem de algum juiz que fora considerada desastrosa. A criação deste espaço indica que os editores também pensavam o conteúdo da revista de modo pedagógico, na cultura esportiva da cidade, ao criticar episódios que ela considerava inapropriados.

Finalmente, a seção “Foot-ball Association – Problemas, Notas e Comentários” é um exemplo da transitoriedade do conteúdo do semanário, sendo publicada em várias edições do primeiro ano. Na leitura de outras notas e notícias da *Semana Sportiva* ou mesmo de alguns textos presentes em “O Campeonato da Cidade” ou em “Coisas que Implicam” não raramente encontra-se críticas aos juízes e ao comportamento de jogadores e torcedores. Os responsáveis pela revista imaginavam que muitas das tensões ocorridas no cenário esportivo local eram por puro desconhecimento de regras básicas e elementares do futebol, de modo que a seção expressava um desejo dos editores de educar os leitores incentivando o conhecimento das regras pelos mesmos, imaginando que esta atitude poderia atenuar alguns conflitos.

Por dentro da Semana: esporte e eugenia

A princípio, no que tange ao conteúdo da revista, o que transparece de modo inequívoco é a tentativa dos seus editores contribuírem para o fomento de uma cultura esportiva na cidade, sugerindo o aparecimento de novas práticas e defendendo a ideia do esporte enquanto atividade nobre, amadora e regeneradora da sociedade.

De início, vale destacar que uma das bandeiras dos editores e colaboradores era não restringir a prática esportiva da cidade apenas ao futebol que era a principal atividade local. No primeiro ano e, especialmente, no segundo, a *Semana Sportiva* publicou sistematicamente notícias sobre as mais diversas modalidades atléticas no país e no mundo. Além disso, em várias edições foram criadas seções temporárias explicando passo a passo as regras e os principais movimentos de algumas atividades como atletismo e natação.¹⁴

Uma das atividades bem difundidas foi o boxe. Em diversos números, publicaram-se notícias de lutas entre grandes boxeadores no mundo, anedotas sobre lutadores, dados dos campeões mundiais das diversas categorias no boxe. Veja-se matéria intitulada “Lições de Boxes – alguns conselhos úteis”, que trazia lista de golpes e movimentos da luta:

Toda a gente hoje fala em box, lê coisas sobre box, discute box, refere-se a golpes com os respectivos nomes técnicos... Mas o caso é que poucos falam com conhecimento de causa. E é bastante ver o que, em resumo, diz um autorizado conhecedor desse sport – síntese do que sejam as atitudes e os ataques do boxeur. Os golpes principais são esses que aí vão definidos. Dentro deles está contida a regra do box:

O direto é dado em direção ascendente para o rosto, estômago, coração, tendo-se o pé direito avançado.

[...] Alguns conselhos: cerrar os dentes, ser calmo, não contrair os músculos, ter o corpo solto, bater seco e curto. Olhar o cara do adversário, nunca fechar os olhos. (SEMANA SPORTIVA, n. 35, 1921, não paginado).

Em outros momentos, os editores queixavam-se da inexistência de uma política governamental visando ao desenvolvimento do boxe na Bahia e no Brasil. Tal insatisfação era justificada pelo fato de outros países próximos do Brasil já terem criado entidades responsáveis por gerir esta prática. Para reforçar o argumento, a *Semana Sportiva* divulgou uma notícia sobre o avanço do boxe na Argentina, que já contava com uma Federação:

Enquanto entre nós nada fizemos ainda pelo box, que nem sequer foi regulamentado, na Argentina já está tudo perfeitamente organizado. Diante das garantias oferecidas, inúmeros boxeadores de valor estão na Argentina, cuja população, já está afeita aos matches de box, realizados com todas as garantias para o público, para os jogadores e para os organizadores. (SEMANA SPORTIVA, n. 41, 1922, não paginado)

O interesse dos responsáveis pela *Semana Sportiva* pelo boxe pode ser justificado no contexto internacional de emergência da espetacularização das atividades esportivas, no

qual o boxe estava inserido. Em 2 de julho de 1921, por exemplo, ocorreu uma luta entre Jack Dempsey e Georges Carpentier. Realizado em Nova Jersey, com uma assistência de mais de noventa mil pessoas, este embate foi considerado como maior de todos na época, sendo o primeiro a ser transmitido pelo rádio e ter gerado um faturamento de mais de um milhão de dólares. Por todos estes números a luta teve uma repercussão global, se constituindo enquanto um evento embrionário dos grandes espetáculos esportivos, pela forma como foi promovido (WALTZER, 2011).

A emergência do boxe como uma atividade esportiva lucrativa ajuda a problematizar outros potenciais motivos para os editores do semanário estimularem o conhecimento e as práticas de novas atividades atléticas em Salvador. Para além do desejo de consolidar uma cultura esportiva na cidade, existia um possível interesse comercial por parte dos donos do periódico. Ao difundir novas modalidades, crescia a demanda dos leitores pelo conhecimento das mesmas, e esta demanda era suprida pela própria revista. Em outras palavras, o conteúdo relacionado a esportes que eram incomuns em Salvador poderia gerar uma curiosidade em conhecê-los, sendo necessária a compra da revista que era a única na imprensa da cidade a produzir um material mais detalhado. Assim como o boxe, em outras edições da *Semana Sportiva* foram encontradas reportagens que apresentavam noções básicas de atletismo, natação, entre outras práticas.

Além de tentar criar um ambiente favorável ao cultivo de novas modalidades esportivas, tomando por base interesses diversos, Celestino Britto e Mário Oliveira pareciam defender o retorno de práticas que em Salvador passavam por um momento de ostracismo. Este era o caso do remo que, durante os anos 1900, conheceu o seu auge com a realização das regatas anuais na enseada dos Tainheiros e o declínio na década seguinte.

Nos anos 1920, a cultura esportiva em Salvador conheceu um período de desenvolvimento que se iniciou em meados da década anterior quando diversos clubes e ligas foram fundados. Entretanto, o remo não acompanhou este processo, de modo que alguns membros da imprensa esportiva soteropolitana não entendiam porque existia uma dificuldade de ressurgimento náutico. O artigo denominado “Pelo esporte náutico!”, além de incentivar o retorno da prática sistemática do remo, dá indícios que explicam o motivo da permanência do ostracismo da atividade:

É triste, é lamentável que numa terra como a nossa, dotada de tanta gente que faz figura e que dispõe, conseqüentemente, da massa, só tenha esta gente interesse pelas coisas que vendem, e aumentam seus capitais. A prova disso temos com as regatas na Bahia, que continuam no esquecimento sem uma esperança de ressurgimento verdadeiro. O *foot-ball* tomou conta da Bahia por ser mais rendoso, constituindo-se em bom negócio atualmente para os que podem dele tirar os melhores proventos.

As regatas, porém, não dão o mesmo resultado, mas não dão também prejuízo, a questão é que haja quem se disponha a fazer da bela enseada dos Tainheiros um verdadeiro ponto onde se possa praticar o lindo e útil esporte.

Levante-se ali uma espaçosa arquibancada de grandes dimensões e que possa comportar alguns milhares de pessoas, sem luxo, mas sólida e já temos lucros que compensarão as despesas. Não será decerto como o *football* que todos os domingos e dias feriados dá para encher as burras dos felizardos, mas antes de tudo trataremos de amparar o esporte, claro está que sem prejuízos, mas sem a usura dos grandes lucros.

Como uma coisa meramente comercial é que não, absolutamente. (SEMANA SPORTIVA, n. 38, 1921, p. 8).

O texto informa que o descrédito dos esportes náuticos em relação ao futebol ocorria pelo seu possível fraco potencial comercial. Este é um indício revelador do processo de formação de um mercado em torno das práticas esportivas, em Salvador, que gradativamente passaram a ser concebidas não só enquanto atividades que favoreciam a constituição de sociabilidades urbanas, mas, sobretudo, ofereciam oportunidades de lucro.

A crítica ao descaso dos dirigentes esportivos locais pelo esporte náutico presente no texto é um indicativo que auxilia a perceber que os responsáveis pela *Semana Sportiva* tinham um discurso, ao menos formal, que enxergava o esporte enquanto uma atividade nobre e, portanto, não deveria ter como fim o lucro, mas o desenvolvimento físico e moral dos seus praticantes. Neste sentido, a apreensão dos esportes na *Semana Sportiva* também seguia a lógica do amadorismo que os entendia como:

[...] uma escola de coragem e de virilidade, capaz de "formar o caráter" e inculcar a vontade de vencer ("*will to win*"), que é a marca dos verdadeiros chefes, mas uma vontade de vencer que se conforma às regras – é o *fair play*, disposição cavalheiresca inteiramente oposta à busca vulgar da vitória a qualquer preço (BOURDIEU, 1983, p. 140).

Assim, as atividades atléticas preparariam o espírito dos praticantes para a vida moderna, marcada pela competitividade típica das sociedades capitalistas, mas contraditoriamente preservando elementos advindos de uma cultura aristocrática como o respeito, a lealdade e o cavalheirismo. Portanto, um atleta ou um dirigente, ao se envolver com o mundo esportivo, não deveria ver nele uma possibilidade de lucro.¹⁵

Por outro lado, embora os editores da revista defendessem a bandeira do amadorismo no esporte, é provável que o seu interesse pelo ressurgimento do remo também guardasse relações com a tentativa de produzir um conteúdo não só restrito ao futebol e com um potencial valor comercial. É possível que existissem adeptos das atividades náuticas que não tinham um poder econômico para estruturar a prática na cidade. Talvez, os editores da revista apoiassem o ressurgimento do remo por sentir uma demanda daqueles sujeitos, potenciais consumidores da revista que passaria a ter um conteúdo

esportivo náutico para contemplá-los. Outra hipótese é que poderia existir uma relação amistosa entre os responsáveis da revista e os dirigentes esportivos mais interessados pelo esporte náutico, de modo que o apoio do semanário poderia ajudar o remo a ter o mesmo prestígio que o futebol, conseqüentemente angariando um maior lucro para ambas as partes. Por fim, também não passa despercebida uma contradição entre o discurso e a prática dos editores da *Semana Sportiva* que, apesar de defenderem o amadorismo no esporte, não viam nenhum problema em obter uma renda com ele por meio da venda da revista.

De toda sorte, mesmo com os interesses comerciais na divulgação de novas práticas como o boxe ou na reestruturação de modalidades já conhecidas pelo público de Salvador, a exemplo do remo, a análise de várias edições da *Semana Sportiva* indica que os seus responsáveis e colaboradores visavam fomentar o desenvolvimento de uma cultura esportiva na cidade marcada pelo fortalecimento físico e moral, sobretudo em decorrência do contexto pós-primeira guerra mundial. Para Nicolau Sevcenko, uma das conseqüências daquele conflito mundial foi requerer das pessoas:

[...] o seu engajamento físico, em condições que rompam com a rotina do cotidiano e o consenso dos hábitos e ideias. Só desse modo elas podem vir a desempenhar um papel ativo, integrando uma força coletiva que adquire assim uma corporeidade extra-humana. Nesse desempenho físico em que o corpo é a peça central, os agentes da “ideia nova” se expõem a um intenso bombardeio sensorial e emocional, que se torna a substância enérgica em si mesma da ação, não devendo, pela lógica da sua própria economia, se desdobrar em considerações reflexivas ulteriores. Neste sentido, não é que a ação preceda o pensamento, mas mais do que isso, ela se nutre exatamente da abstinência dele. (1992, p. 32).

Para além de oferecer novas formas de sociabilidade e de convergência social, as práticas esportivas passaram a ser vistas pela imprensa como necessárias à inserção da cidade em uma dinâmica de engajamento físico de desenvolvimento do corpo, de regeneração da raça, assumindo, portanto, um caráter eugênico e pedagógico. A guerra contribuiu para esta dimensão dos esportes, uma vez que “também nesse contexto é que as atividades atléticas tiveram o seu boom, compreendidas como um segredo militar para a adequada preparação das tropas” (SEVCENKO, 1994, p. 33).

Apesar de, na cidade, as atividades atléticas existirem desde o final do século XIX, nas colunas sociais dos jornais da cidade estes fenômenos, ainda nos anos 1900, eram mais pensados enquanto formas de lazer despretensioso, não necessariamente revestido de um caráter pedagógico. Isso não quer dizer que, naquele momento, inexistissem discursos que pensavam o esporte como uma atividade capaz do fortalecimento e da regeneração física. Em alguns diários, a ideia de que o futebol e o remo civilizavam os

cidadãos, ainda que timidamente, também estava relacionada com o fato de que o esporte proporcionava o desenvolvimento do corpo. Entre alguns médicos, escritores e literatos, este pensamento era mais presente. Em 1904, por exemplo, na Faculdade de Medicina da Bahia, o médico Álvaro Reis, em sua tese, defendia a importância da Educação Física por meio da prática do esporte:

Todo exercício físico deve ser acompanhado, para não ser monótono e enfadonho e ser satisfatoriamente realizado, de uma nota de prazer e interesse como caráter recreativo. Por isso jogo e os sports são de grande vantagem no aperfeiçoamento orgânico, na educação física, principalmente da mocidade. (REIS, 1904, p. 57 apud PEREIRA, 2000, p. 44).

No entanto, em Salvador, até 1912, estes discursos quando associados às atividades atléticas não eram comuns, provavelmente pela falta de uma cultura esportiva mais consolidada ou de uma estrutura que oferecesse algum tipo de suporte. O próprio Álvaro Reis chegou a afirmar que os benefícios do futebol de nada valiam quando praticado sem as condições materiais necessárias. Jogado em um campo de terra batida, no Campo da Pólvora, em 1904, “a cultura física não podia ‘chamar-se cultura da saúde do corpo, mas sim da ruína do corpo’” (REIS, 1904, p. 91 apud PEREIRA, 2000, p. 60).

Na capital baiana, já na década de 1920, há de se considerar que existe uma recorrência maior de discursos que retratam um pensamento que via no esporte uma prática fundamental para o progresso da cidade, pois esta tinha condições de corresponder. Neste bojo, publicando artigos e matérias sobre as atividades esportivas no Brasil e no mundo, os editores da *Semana Sportiva* esperavam, tanto contribuir com este movimento como também obter sucesso comercial a partir de um diferencial: a capacidade de articular, como nenhum outro periódico local, o discurso higienista e eugênico com as sociabilidades mundanas, conquistando um público leitor interessado nesta relação que nem sempre conseguia acompanhar estes mesmos discursos com uma linguagem mais densa e científica presente em revistas como a *Gazeta Médica da Bahia* da Faculdade de Medicina.

Uma estratégia editorial – em que fica evidente a tentativa de fomentar uma cultura do engajamento físico e também lucrar – refere-se ao fato de Celestino Britto e Mário Oliveira difundirem a prática do atletismo que era muito pouco exercitado em Salvador por alguns clubes, embora fosse considerada uma das atividades mais recomendadas para o desenvolvimento harmônico do corpo e da moral masculina (PARK, 2007). Um dos textos da revista chega a enumerar as vantagens das corridas, salto em distância entre outras modalidades do gênero:

Dentre todas as manifestações da atividade desportiva, o atletismo é a mais bela, a mais emocionante e a mais expressiva.

O atletismo é que melhor revela o grau de adiantamento desportivo de um povo!

O atletismo é que concorre mais eficientemente para o desenvolvimento físico de uma raça

O atletismo é que contribui mais facilmente para a propaganda de um país.

O atletismo é o desporto que mais diretamente atinge os fins visados pela cultura física. Aparelhar o organismo para a luta pela vida; dar-lhe a velocidade que vence o tempo, a agilidade que evita os tropeços, a força que remove os obstáculos, a resistência que transpõe as distâncias.

O atleta é mais útil à Pátria que o perfeito soldado

De um bom atleta pode-se fazer com facilidade, um excelente soldado.

Trabalhem os nossos músculos, cultivemos a nossa energia, pratiquemos o atletismo. (SEMANA SPORTIVA, n. 43, 1922, não paginado)

No texto é inequívoca a ideia de que a prática do atletismo é importante, pois contribui para o fortalecimento corporal, por sua vez imprescindível para a preparação dos exércitos. Neste sentido, o esporte assumia uma dimensão de fortalecimento de uma identidade nacional a partir de um viés, eugênico, pedagógico e militar. Alguns estudos indicam que a apropriação das atividades atléticas pelo militarismo ocorre principalmente no período entre guerras, quando os poderes públicos buscavam estratégias para aprimorar os exércitos física e mentalmente para o caso de possíveis futuras guerras (VESCOSI, 2003).

Pela defesa do atletismo, uma estratégia editorial era reservar amplo espaço em suas páginas para iniciativas de clubes que se envolvessem com a atividade. Este era o caso do Yankee Foot-ball Club, fundado em 1914, e que gozava de um bom prestígio da *Semana Sportiva*, pois era a primeira agremiação da cidade a ter no seu programa a prática do atletismo (SANTOS, H., 2011). O clube chegou até a organizar a primeira maratona da Bahia, realizada no dia 9 de outubro de 1921. O evento foi amplamente divulgado pelo semanário que publicou o programa da corrida, bem como entrevistas com dirigentes do clube explicando o evento. Vale destacar que, para além do apoio dos editores da *Semana Sportiva* às atividades do Yankee em defesa de uma suposta cultura eugênica no esporte, havia também uma relação de camaradagem entre Celestino Brito e Mário Oliveira para com os dirigentes do clube, especialmente, Aroldo Maia que também era redator esportivo da revista *A Renascença*. Enfim, reservar amplo espaço para as iniciativas do Yankee parecia ser uma boa estratégia dos editores da *Semana Sportiva*, pois além de ratificarem a sua defesa do papel regenerador do atletismo também estreitavam laços de solidariedade com outros membros da imprensa.

À guisa de conclusão

A princípio, a leitura da *Semana Sportiva*, ainda que de modo parcial, permite tecer algumas considerações. É evidente que a sua emergência na imprensa local se deu por conta de uma série de fatores. Entre eles pode-se destacar que a cultura esportiva na

cidade se encontrava em um período de efervescência com a fundação de vários clubes esportivos que permitiam a prática de forma institucionalizada e mais regular de atividades como remo, futebol, tênis, atletismo, ciclismo por parte dos seus associados (SANTOS, H., 2011). Aliado a este fato, há de se considerar que Salvador contava com diversas ligas que reuniam muitos grêmios para a realização dos certames. Apenas pela leitura da *Semana Sportiva*, foram identificadas três: a LBDT, a Liga Barrense e a Liga Itapagipana. Para ficar apenas em um exemplo, em 1922, o principal certame reunia mais de dez clubes distribuídos em duas divisões, nas quais existiam jogos dos primeiros e segundos times. Resumindo, em uma temporada era possível ter mais de 60 jogos, sendo que estes quase sempre ocorriam somente nos finais de semana. Enfim, somente a LBDT era responsável por preencher a agenda esportiva da cidade durante todo o ano. Isso sem contar a quantidade frequente de torneios e eventos esportivos realizados no interior dos clubes como os diversos campeonatos de tênis promovidos pelo Bahiano de Tênis e pela Associação Atlhetica.

A efervescência esportiva encontra profunda relação com desenvolvimento de uma cultura urbana na capital, que desde 1912 experimentava um processo de modernização e reformas de ruas, construção de uma importante avenida que possibilitava uma maior interação de homens e mulheres com o espaço público. Muito além de serem lugares de passagem e transição entre os espaços como a casa e a igreja, os logradouros da cidade se tornaram, eles próprios, em um espaço de encontro e convergência social.

Por fim, as transformações urbanas foram muito potencializadas pela renovação da imprensa, que a permitiu ser não só um veículo noticioso, mas também um produtor de um conteúdo inovador e com um formato sedutor que estimulava a experimentação de novas sociabilidades. Enfim, a conjunção destes três fatores contribuiu para compreender a emergência da *Semana Sportiva* na cidade, que se constituiu enquanto um veículo que buscava intermediar a relação dos seus leitores com o espaço esportivo, que era público por excelência. As suas páginas ofereciam a possibilidade de conhecer novas modalidades atléticas e modos de comportamento experimentados nos clubes nas praças esportivas.

Por outro lado, a inserção da revista em um cenário esportivo e cultural em formação permitiu que os seus responsáveis pensassem aquela enquanto construtora deste próprio espaço. A incorporação de novas tecnologias da comunicação por parte da *Semana Sportiva* a possibilitou não só noticiar o cotidiano esportivo da cidade de um modo até então inexistente na imprensa local, como também defender um tipo de cultura esportiva a ser vivenciada. Dito de outro modo, os editores da revista tinham um ideal de como se relacionar com o esporte que passava pelas noções amadoras de ética, cavalheirismo, respeito às regras com o fim de desenvolver uma sociedade física e mentalmente disposta e saudável. Por fim, não é possível desconsiderar que ao conceber o esporte por este prisma

Celestino Britto e Mário Oliveira visavam o sucesso comercial ao atingir um público leitor que ansiava por um conteúdo esportivo não apenas noticioso, mas também em sintonia com as discussões eugênicas e higienistas em voga.

Porém, a leitura de algumas fontes indica que, embora os donos do semanário defendessem uma ideia de cultura esportiva, nem sempre os que vivenciavam aquela seguiam os preceitos presentes no periódico. A concepção de alguns dirigentes esportivos que visavam ao lucro financeiro nos torneios de futebol era contrária ao ideal amadorístico dos editores da revista que, contraditoriamente, também buscavam vantagens financeiras nos esportes. Note-se que a presença de pessoas que viam as práticas atléticas de um modo relativamente oposto à visão dos responsáveis pela revista não podia ser desconsiderada. Afinal, preocupados com o público leitor e com as vendas, Celestino Britto e Mário Oliveira tinham que pensar o conteúdo e o formato da sua publicação de um modo que também contemplasse demandas esportivas que iam de encontro ao pensamento deles mesmos. Enfim, o desafio é pensar, tomando-se por base a revista, a relação dialógica que a imprensa estabelecia com a cultura esportiva, tentando moldá-la, mas se adaptando às suas lógicas próprias que nem sempre seguiam o ideal esportivo de alguns indivíduos da imprensa.

Recebido em 19/1/2013

Aprovado em 13/3/2013

NOTAS

¹ Até 1920, Salvador sequer tinha um espaço próprio para o futebol que acabava ocorrendo em campos de terra batida, largos, praças e outros logradouros públicos. Na melhor das expectativas, era realizado em áreas gramadas adaptadas por meio do nivelamento do campo. A dificuldade de espaços próprios para o futebol, em alguma medida, dificultava o desenvolvimento e a consolidação da atividade de modo institucionalizado. É possível acompanhar, nos periódicos, o surgimento e o desaparecimento de clubes e ligas esportivas que nem sempre encontravam um bom espaço para a realização de partidas e campeonatos de forma regular.

² Os primeiros clubes de remo como Clube de Regatas Itapagipe (1902) e Clube de Regatas e Natação São Salvador (1902) fundaram a Federação de Clubes de Regatas da Bahia (1904), responsável pela realização das chamadas Grandes Regatas que ocorriam anualmente na península de Itapagipe, em região veranista da cidade.

³ Nos jornais soteropolitanos, as notícias esportivas eram dispostas nas colunas sociais ou como notas soltas em vários espaços do periódico. Muitas vezes, os próprios esportistas pagavam ao jornal para publicar uma nota sobre a realização de partidas, regatas, treinos, reuniões e assembleias.

⁴ Uma hipótese para a ausência sistemática de notícias sobre as práticas esportivas nos jornais é que, no início da década, a presença popular em algumas modalidades, sobretudo no futebol, era majoritária, existindo um afastamento considerável das elites, ao menos na prática esportiva institucionalizada. Deste modo, pode-se supor que a maioria dos periódicos não tinha interesse em noticiar eventos envolvendo os populares, uma vez que a imprensa considerava o esporte uma

atividade refinada, elitizada e inapropriada para determinados setores da sociedade que deturpavam o seu sentido.

⁵ O estádio foi construído pela iniciativa privada por meio da Sociedade Anônima A Desportiva Bahiana, liderada por dirigentes de clubes elitizados locais, como o Bahiano de Tênis e o Vitória.

⁶ Estatutos da Associação Bahiana de Cronistas Desportivo, Salvador, 1947, p. 3.

⁷ Ainda não temos dados biográficos sobre estes homens e se eles faziam parte da ABCD. Entretanto, alguns colaboradores da revista, como Benjamim Bompert, pertenciam àquela entidade o que nos faz supor que o empreendimento dos editores não se encontrava à parte da imprensa da cidade.

⁸ Já em 1905, com as primeiras regatas e certames de futebol, os jornais divulgavam pequenos anúncios de venda de cigarros, joias e fitas com o nome e as cores de clubes da cidade.

⁹ A *Paladina do Lar*, por exemplo, era uma revista mensal de orientação cristã e que dedicava as suas páginas à discussão de temáticas relacionadas ao comportamento feminino. O programa da revista tinha entre seus objetivos propagar ideias moralizadoras e úteis às mulheres, bem como defender um ideal de família cristã, como a valorização da mulher, boa esposa e mãe. O *Petiz*, por sua vez, era um periódico mensal que discutia temas sobre a infância, com uma atenção especial às crianças abandonadas.

¹⁰ A *Cegonha* era uma revista ilustrada mundana, de qualidade superior, destacada por reproduzir muitas fotografias e possuir seções diversas com poesias e crônicas. Já *A Bahia Ilustrada*, também com um acabamento superior, publicou farto material, proveniente da pena de destacados intelectuais e personalidades políticas locais, ressaltando as qualidades históricas do Estado e lamentando sua pouca importância no cenário nacional. Por fim, a *Artes & Artistas* era uma importante revista ilustrada especialmente dedicada ao mundo cinematográfico norte-americano.

¹¹ Já foram localizadas notícias que sugeriam a forma como as mulheres deveriam frequentar os estádios, bem como contos que retratam o cotidiano de uma mulher em uma praça esportiva.

¹² Salvador apresenta uma configuração topográfica típica de uma acrópole, de modo que existia uma parte alta e parte baixa. Assim, até hoje, são utilizados planos inclinados e o Elevador Lacerda para fazer transição entre as partes, conseqüentemente reunindo um número grande de transeuntes.

¹³ Ao longo de algumas edições é possível observar o aumento do interesse da revista pelas leitoras. Uma evidência foi a realização de um concurso que elegeria a mais linda torcedora do Campo da Graça.

¹⁴ Em algumas edições do segundo ano, uma seção intitulada Atletismo foi publicada. Nela eram explicadas modalidades como salto em distância, salto com vara e corrida de curtas e longas distâncias.

¹⁵ É possível localizar no semanário várias críticas a um comportamento considerado inaceitável pelos editores. Um exemplo foi a publicação de uma matéria noticiando a proibição de jogos de azar nos clubes esportivos de São Paulo. De título “Precisamos imitar”, sugeria que esportistas baianos seguissem a atitude dos paulistas.

FONTES

SEMANA SPORTIVA. Salvador: [s.n.]. 1921-1924.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

BARREIROS, Márcia Maria da Silva. Educação, cultura e lazer das mulheres de elite em Salvador, 1890-1930. 1997. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1997.

BARRETO, Maria Renilda Nery; ARAS, Lina Maria Brandão de. Salvador, cidade do mundo: da Alemanha para a Bahia. *História, Ciências, Saúde-manguinhos*, Rio de Janeiro, v.10, n.1, p. 151-172, jan./abr., 2003.

BOURDIEU, Pierre. Como é Possível ser Esportivo? In: BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1983, p. 135 – 156.

COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 103 – 130.

COSTA, Ângela Marques da; SCHWARCZ, Lilia Moritz. 1890-1914: no tempo das certezas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

COUTO, André Alexandre Guimarães. A hora e a vez dos esportes: criação do *Jornal dos Sports* e a consolidação da imprensa esportiva no Rio de Janeiro (1931 – 1950). 2011. 202 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2011.

CRUZ, Heloísa de Faria. São Paulo em tinta e papel: periodismo e vida urbana, 1890-1915. São Paulo: Educ / Fapesp, 2000.

DE LUCA, Tania Regina. *Leituras, projetos (Re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

DE LUCA, Tania Regina. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (n)ação*. São Paulo, Editora da UNESP, 1999.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. Construindo a cidade moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do Rio de Janeiro. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 23, p. 17-40, 1999.

LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. E a Bahia Civiliza-se...: ideais de civilização e cenas de anti-civilidade em um contexto de modernização urbana: Salvador, 1912-1916. 1996. 161 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1996.

LUCENA, Ricardo de Figueiredo. O esporte na cidade: Aspectos do esforço civilizador brasileiro. 2000. 140f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

MAIA, Aroldo. *Almanaque Esportivo da Bahia*. Salvador: Hellenicus, 1944.

MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tânia Regina. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Contexto, 2008.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Edusp, 2001.

MELO, Victor Andrade (org.). *Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

MELO, Victor Andrade. Mulheres em movimento: a presença feminina nos primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro (até 1910). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, vol. 27, n. 54, p. 127-152, dez., 2007.

OLIVEIRA, Cláudia de; VELLOSO, Monica Pimenta; LINS, Vera. O moderno em revistas: representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

OLIVEIRA, Neivalda Freitas de. Rua Chile: caminho de sociabilidades, lugar de desejos, expressão de conflitos: 1900-1940. 2008. 270 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2008.

PARK, Roberta J. Biological thought, athletics and the formation of a 'man of character': 1830–1900. *The International Journal of the History*, London, v. 24, n.12, p. 1543 - 1569, 2007.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

REIS, Álvaro Borges dos. Educação física. Bahia: Litografia Reis e Companhia, 1904.

SANTOS, Edgar Souza. Elegância e saúde: as representações da prática de fumar na propaganda - 1910-1940. 2000. 180 f. Dissertação (Mestrado História) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2000.

SANTOS, Henrique Sena dos. “Pugnas Renhidas”: futebol cultura e sociedade em Salvador, 1901 - 1924. 2012. 360 f. Dissertação (Mestrado em História) - Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana - BA, 2012.

SANTOS, Henrique Sena dos. As elites e os clubes esportivos em Salvador, 1899 - 1924. *Veredas da História*, Rio de Janeiro, v. 1, não paginado, 2011. Disponível em: <http://veredasdahistoria.kea.kinghost.net/edicao5/Art.04_Elites_Clubes_Esportivos_Henrique_Sena.pdf>. Acesso em: 20 ago., 2012.

SANTOS, José Wellington Aragão. Formação da grande imprensa na Bahia. 1985. 133 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1985.

SCHPUN, Mônica Raisal. Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20. São Paulo: SENAC, 1997.

SEMANA SPORTIVA, Salvador: [s.n.], n.1, p. 3, 9 de abril de 1921.

SEMANA SPORTIVA, Salvador: [s.n.], n.5, p. 16, 8 de maio de 1921.

SEMANA SPORTIVA, Salvador: [s.n.], n.26, 2 de outubro de 1921.

SEMANA SPORTIVA, Salvador: [s.n.], n.35, 3 de dezembro de 1921.

SEMANA SPORTIVA, Salvador: [s.n.], n.38, p. 8, 24 de dezembro de 1921.

SEMANA SPORTIVA, Salvador: [s.n.], n.39, 31 de dezembro de 1921.

SEMANA SPORTIVA, Salvador: [s.n.], n.41, 14 de janeiro de 1922.

SEMANA SPORTIVA, Salvador: [s.n.], n.43, 28 de janeiro de 1922.

SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópole e desatinos. Revista USP, São Paulo, n. 22, p. 30-37, jun./ago., 1994.

SEVCENKO, Nicolau. Orfeu extático na metrópole: São Paulo: sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SODRÉ, Nelson Werneck. História da Imprensa no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SUSSEKIND, Flora. Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil. São Paulo: Companhias das Letras, 1987.

TRINDADE, Etelvina. Cidade moderna e espaços femininos. Projeto História, São Paulo, n. 13, p. 109-120, jun., 1996.

VEASCASI, Roberta. Children into soldiers: sport and fascist Italy. In: MANGAN, J. A. (org.). Militarism, Sport, Europe: war without weapons. London: Frank Cass, 2003, p. 166-186.

VIGARELLO, Georges. O tempo do desporto. In: CORBIN, Alain. (org.). História dos Tempos Livres. Lisboa: Teorema, 2001, p. 229-262.

WALTZER, Jim. The Battle of the Century: Dempsey, Carpentier, and the Birth of Modern Promotion. Santa Barbara, Califórnia: ABC-CLIO, 2011.